

# O QUE TINHA PLANEJADO FAZER E O QUE FIZ: UM ITINERÁRIO DE PESQUISA E ENSINO

Giulia Strippoli

## **1. Introdução: os planos para uma estadia que não seguiu o caminho previsto**

Quando fui selecionada como professora visitante no Programa de Internacionalização da CAPES (PRINT) junto ao Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pensei que ia ser uma ocasião de aprendizagem única, sendo que aposto na relação que existe entre ensinar e aprender. Pensei que fosse um desafio preparar um curso para alunos e alunas brasileiros/as, pois já tinha tido contatos com o ambiente acadêmico brasileiro e tinha recebido a impressão de grande vivacidade intelectual. Do outro lado, para uma pessoa educada num ambiente europeu, ia ser bastante desafiante a desconstrução de categorias de análise eurocêntricas. Tinha programado desenvolver a minha atividade na UFRJ em duas partes principais: o curso sobre a história do movimento operário e a esquerda global e um laboratório audiovisual sobre mulheres e feminismos, como curso de extensão.

O laboratório tinha o objetivo de ensinar às pessoas participantes – estudantes, trabalhadores, ativistas, etc. – a produzir um produto audiovisual – documentário, entrevistas orais – sobre temas como o uso e a percepção do corpo, as dimensões coletivas e individuais da militância feminista, a afirmação dos direitos das mulheres e das dissidências sexuais. A proposta combinava a reflexão teórica sobre o cinema sobre mulheres e feito por mulheres, com a participação ativa, a criatividade individual, a expressão pessoal, o trabalho em equipa e o diálogo intergeracional para a transmissão de valores fundamentais como os direitos das mulheres, a igualdade, a participação ativa e colaborativa. O laboratório planejava ter impacto na formação e na atividade das participantes por fomentar a reflexão teórica e a aprendizagem técnica concernentes a valores de transformação social fundamentais como os direitos das mulheres, a participação ativa das mulheres e a igualdade. Era previsto ter impacto também no âmbito de ação das participantes, como o partido político ou movimento, a universidade, o ambiente de trabalho. E na sociedade civil mais em geral porque o documentário tinha a previsão de ser um produto de divulgação através da UFRJ, constituindo um fundamental output do laboratório e chegando a um público amplo. Imaginava o laboratório sobretudo como um tempo de convivência, de troca, de aprendizagem em comum.

Contudo, o laboratório não se realizou por causa da pandemia. Nem chegamos a ter a primeira reunião. O curso também não podia ser realizado. Mas, enquanto o curso era mais fácil de se adaptar a outras modalidades remotas, o laboratório era impossível de ser feito online. Optamos, então, em realizar o curso remotamente.

## 2. O curso sobre história do movimento operário e a esquerda global

O curso, de 45 horas, foi realizado via Plataforma Zoom, e depois com o fim do programa, continuamos os encontros em forma de seminário, para os/as alunos/as que desejavam partilhar e discutir os trabalhos deles/as.

O curso seguiu uma ordem cronológica, desde os começos do capitalismo até aos dias de hoje. Lemos e comentamos uma variedade de fontes e autores, vimos também excertos de filmes, comentamos muitas imagens. Temas como as mulheres, o feminismo negro, o trabalho, as lutas sociais, os conflitos, as greves não foram tratados numa aula ou numa série de aulas, mas constituíram o *fil rouge* do curso. Na primeira aula, expliquei o funcionamento do curso e a perspectiva historiográfica e interdisciplinar adotada. Usei Marc Bloch sobre o método histórico, Eric Hobsbawm para circunscrever a história do movimento operário e Eduardo Galeano de “As veias abertas da América Latina” para o enfoque sobre as consequências do colonialismo e da escravidão. Apresentei o livro Cem Palavras do Marxismo: começamos cada aula com a apresentação, por parte dos/das alunos/as de algumas das palavras, seguida pela discussão.

Introduzi também o livro Ensinando a Transgredir de bell hooks, com o foco em torno da educação como prática de liberdade, que foi a ocasião para referir também o pensamento de Paulo Freire.

A propósito de feminismo negro falamos também do filme K-bela<sup>1</sup>, um projeto por e para mulheres negras. Insistimos sobre a necessidade de cruzar várias leituras e de mantermos um olhar crítico sobre as fontes, seja as escritas seja as orais e as visuais. Para dar um exemplo, mostrei um excerto do filme de Chris Marker Cartas da Sibéria, onde o diretor propõe as mesmas imagens mudando somente o tom da voz e a música, para mostrar como a narrativa e a ideia política transmitidas podem mudar completamente, segundo as intenções e as manipulações de quem seleciona ou constrói as fontes.

Sobre as fontes iconográficas e o efeito que provocam tivemos como referência “Diante da dor dos outros” de Susan Sontag.

Antes de chegar ao socialismo científico e às configurações de luta do movimento operário, tivemos de ver de onde nasceu o sistema que foi o contexto para o surgimento das lutas operárias, ou seja, o capitalismo. Então, tivemos de analisar também de onde é que nasceu o capitalismo, e fizemos referência à revolução industrial inglesa e às suas etapas, uma em meados, fim do século XVIII, que tinha mais a ver com o setor têxtil, com a metalurgia e outro ao longo do século XIX com novos processos produtivos, com químicos, com o petróleo, com a eletricidade. Vimos também que esses processos de industrialização tiveram consequências na organização do trabalho e na contestação da nova organização do trabalho e que surgiram movimentos de protesto contra o novo modelo fabril, como o ludismo e o cartismo. E vimos que existiam outras imaginações de sociedade que eram formas que contestavam este modelo, por exemplo o socialismo utópico. E lembramos também que aquele que chamamos socialismo científico tinha algumas diferenças com os projetos que

---

<sup>1</sup> K-BELA é uma experiência audiovisual realizada de forma colaborativa por mulheres negras sobre mulheres negras. Com roteiro e direção de Yasmin Thayná, o filme recebeu o prêmio de Melhor Curta-metragem da Diáspora Africana da Academia Africana de Cinema (AMAA Awards 2017) e foi convidado para dezenas de festivais ao redor do mundo. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=LGNIn5v-3cE>

contrastavam o novo sistema, imaginando soluções distintas, por exemplo das sociedades utópicas.

Por que era diferente o socialismo científico? Porque explicou o funcionamento da sociedade contra a qual se sentia a falta de direitos, ou seja, a exploração do trabalhador, através da mais-valia, como o capitalismo atuava e o mecanismo da luta de classe entre burguesia e proletariado. Passou a se chamar científico por causa não só da imaginação do futuro, mas também pela explicação do presente e dos mecanismos que geriam a sociedade capitalista e a luta de classe.

Centramos particularmente na revolução industrial que estava acontecendo na Europa do século XIX porque foi lá que o desenvolvimento industrial gerou novos modos de produção, uma nova divisão do trabalho; e também porque as análises de Engels e Marx nasceram sim da análise econômica, social, financeira, mas também da observação das condições de trabalhos nas indústrias na Inglaterra.

O fato de ter focado na Europa não significa que a história não fosse em movimento noutras partes do globo e que não existissem revoltas, revoluções, reformas, mudanças fora da Europa. E como a nós, no curso, interessava-nos o movimento operário e as esquerdas e interessava-nos também o Brasil contemporâneo, achamos que antes de traçarmos a história do movimento operário no sentido das organizações que se deu, como a associação dos trabalhadores – a primeira internacional – ou a internacional socialista das mulheres, os partidos políticos, ia ser bom destacar alguns elementos úteis para vermos o desenvolvimento do movimento operário e das esquerdas no Brasil.

Assim, enquanto na Inglaterra estava ocorrendo a revolução industrial e os países europeus estavam na fase do desenvolvimento econômico, do imperialismo territorial, fomos ver o que estava acontecendo no Brasil e o fato de saber a história do Brasil, o contexto, nos ajudou para perceber melhor o desenvolvimento das associações operárias e dos partidos de esquerda. Fizemos então um enfoque sobre a história do Brasil desde fim do século XIX, que tomou em conta séculos de opressão colonial e o sistema da escravidão.

Ao falarmos sobre o movimento negro e as revoltas de escravos, fizemos referência ao livro *Os jacobinos negros*, de C.L.R. James, sobre a revolta do Haiti. Focamos a atenção no fato de o livro ter sido escrito em 1938, quando a Europa estava vivendo a promulgação das leis nazistas e fascistas sobre a superioridade da raça branca.

Esse enfoque sobre escravidão não serviu só de contextualização da época histórica, mas também para chamar a atenção sobre a interligação entre todas as formas de opressão, que responde ao que aconteceu na realidade, aos fatos históricos e é também uma maneira de reflexão teórica sobre a opressão. Sublinhamos que, se de um lado do mundo havia escravos e do outro havia operários, as duas coisas não eram independentes, aliás, estavam dependentes porque a economia sempre foi global e uma prova é o fato de os países imperialistas europeus, por exemplo, importarem a baixo preço os produtos das colônias. Sobre este aspecto, citamos e comentamos um artigo de Marcelo Badaró Mattos.

Voltamos então à Europa, ao período de monopólio e imperialismo dos finais do século XIX. Concentramos a atenção sobre a Comuna de Paris e a figura de Louise Michel e sobre as Internacionais, a Primeira 1864-1976, a Segunda 1889- 1916- e a Terceira 1919-1943. Foi neste momento, ao aprofundar o contexto e a articulação da Segunda Internacional, que introduzimos as figuras de Clara Zetkin e Rosa Luxemburg e as respectivas atividades políticas. A introdução de Zetkin e Luxemburg foi também a ocasião para falar de outras

mulheres na história do socialismo, como a Flora Tristan, e para discutirmos sobre a inclusão e representação das mulheres na historiografia contemporânea.

Estudamos depois a revolução russa e as repercussões no mundo, com o surgimento dos partidos comunistas e as tentativas de expandir a revolução fora da Rússia, uma tentativa violentamente travada pelo surgimento das ditaduras nazifascistas na Itália e na Alemanha. Analisamos as etapas da revolução russa, assim como os termos que caracterizaram a história da revolução e que viriam a ser categorias usadas em outros processos históricos, como soviets e duplo poder. Citamos também estudos críticos de alguns aspetos da revolução russa, como a concessão do partido de Rosa Luxemburg e as impressões de Emma Goldman sobre as esperanças não mantidas da revolução.

Destacamos também sobre o socialismo na América Latina e a combinação entre marxismo e instâncias e rebeliões populares indígenas na teoria do revolucionário peruano Mariatégui.

Mantemos a atenção para o que estava acontecendo no Brasil e discutimos o papel, na historiografia, do trabalho negro e do movimento negro e para esta discussão fizemos uma leitura crítica da introdução de *Rebeliões da Senzala* de Clovis Moura e comentamos outros clássicos como Cláudio Batalha e Florestan Fernandes. Sobre as organizações de trabalhadores e as reivindicações, usamos em particular os estudos de Erika Bastos Abrantes e Gracyelle Costa e sublinhamos o papel da imprensa operária na organização dos trabalhadores. Falamos também do surgimento do Partido Comunista Brasileiro e das figuras de Carlos Prestes e de Olga Benário, e citamos obras de referência, não só historiográficas, como narrativas, das quais uma das principais é o escritor brasileiro Jorge Amado com o livro *O Cavaleiro da Esperança*. Comentamos a introdução ao livro, que fala do porque o autor decidiu escrever uma biografia do Prestes naquela altura (em prol da amnistia de presos políticos em 1942).

O foco sobre o movimento socialista e o partido comunista italiano, e sobre a luta antifascista levada a cabo foi o contexto para introduzir o pensamento de Antonio Gramsci e para interrogar as fontes – os escritos políticos dele - sobre a importância das categorias por ele elaboradas, como bloco histórico, hegemonia, e sobre a atualidade destas categorias como análise das lutas de hoje.

Chegamos, portanto, a um quadro geral: de um lado, a Europa entre as duas guerras mundiais, o biênio vermelho, as possibilidades que se tinham aberto com a revolução russa e as tentativas revolucionárias e de insurreição em outros países, e o que isso tinha causado ao nível de repressão. De outro lado, tínhamos um grande momento de organização operária, do ponto de vista das greves, dos conselhos, das assembleias, do outro tínhamos a reação ao projeto socialista, uma reação baseada no nacionalismo e que encontrou a sua forma mais violenta em fenómenos como o fascismo italiano e o nazismo alemão.

Vimos o surgimento da Terceira Internacional (1919-1943), sob a liderança do partido bolchevique, a Internacional dos partidos comunistas, que nasceram nos primeiros anos da década dos vinte, ou porque os partidos socialistas passaram a ser partidos comunistas, ou porque uma parte minoritária dos partidos socialistas decidiu de aderir à IC e abandonou o partido socialista e fundou um partido comunista.

No que concerne ao Brasil, vimos o surgimento da imprensa negra, citamos alguns dos jornais mais famosos da época, como fontes analisamos alguns números de *O Alfinete* e *O Bandeirante* e vimos também a mudança política em curso. Em oposição ao governo do

presidente Washington Luís, tinha-se formado um movimento chamado Aliança Liberal, do qual faziam parte Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba que se opunham à passagem de presidência de Washington Luís ao Júlio Prestes. Um dos líderes da AL era Getúlio Vargas, que em janeiro de 1930 deu a conhecer quais eram os conteúdos da Plataforma da Aliança Liberal, com um particular destaque às questões sociais.

Seguimos, então, o processo político que levou ao fim da Primeira República em 1930 e ao golpe que levou à instauração do Estado Novo em 1937, apresentando as etapas do governo de Vargas. Neste momento do curso, introduzimos também o tema do papel das mulheres brasileiras na história da emancipação feminina global, com particular destaque para Nísia Floresta e das mulheres brasileiras escritoras como Patrícia Rehder Galvão (Pagu), Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Sueli Carneiro e Lélia González. Em particular, a obra de Lélia González e Primavera para as Rosas Negras nos acompanhou como referência crítica acerca do movimento negro, do feminismo negro e das diferenças entre mulheres, entre feministas, entre ativistas, por causa das formas de opressões distintas como o racismo e o classismo.

Continuamos a acompanhar a história brasileira e o processo governativo antes do golpe de 1964 e a história da guerra civil espanhola e da segunda guerra mundial e da guerra fria logo a seguir do segundo conflito mundial. A guerra civil espanhola foi ocasião para mencionar a solidariedade transnacional e para ter um enfoque sobre os encontros entre militantes em nível global. Em particular, citei o exemplo de destacadas mulheres da luta antifascista como Teresa Noce, Dolores Ibarruri, Fanny Edelman, Tina Modotti, Gerda Taro, presentes na guerra civil.

A aula sobre a segunda guerra mundial permitiu falar também do fenômeno da Resistência ao nível europeu e em particular da Resistenza italiana. Forneci alguns números que me pareciam úteis para perceber o contexto: 36.000 *partigiani* morreram, 10.000 civis foram mortos como represália nazifascista, 33.000 militares morreram nos campos de concentração, 32.000 morreram nas formações *partigiane* organizadas no estrangeiro. Neste contexto, as mulheres tiveram uma ampla participação: 70.000 mulheres fizeram parte dos Grupos de Defesa da Mulher, 35.000 em ações de guerra *partigiana*, 500 tiveram papéis de comando militar. As mulheres presas, condenadas e torturadas foram 4.563, 2.812 as mulheres fuziladas ou enforcadas, 1.010 caíram em combate, 2.753 foram deportadas em Alemanha<sup>2</sup>. Entre aquelas que não participaram em ações armadas estão outras *partigiane*, as enfermeiras, os estafetas, ou seja, quem transportava de um lugar a outro de bicicleta armas, munições, alimentos, mensagens, documentos, medicamentos, etc., e aquelas que em 1944 participaram nas grandes greves no Norte de 1944. É uma história, a das mulheres envolvidas na guerra *partigiana*, que começou a ser estudada cientificamente e divulgada a partir de fins dos anos setenta, quando começaram a aparecer os livros de Rachele Faria e Anna Maria Bruzzone (1976) e de Bianca Guidetti Serra (1977). De facto, durante todos os anos cinquenta, nem a televisão nem os livros de investigação ou divulgação histórica falavam da Resistência. Segundo o historiador Giovanni De Luna, houve uma reviravolta com as eleições de 1964 com o Presidente da República Saragat (1964) que inaugurou a narração da

---

<sup>2</sup> Para os dados sobre militantes envolvidas na Resistenza italiana ver: Donne e Uomini nella Resistenza <https://www.anpi.it/donne-e-uomini-della-resistenza>

República, nascida na Resistência, enquanto o cinema, o teatro e a música já tinham começado, ao longo dos anos cinquenta, a narrar a Resistenza italiana.

Entre os produtos da televisão sublinhei o documentário da realizadora Liliana Cavani que em 1965 fez um filme sobre as mulheres na Resistenza<sup>3</sup>, focada naquelas que ainda menos atenção tinham, ou seja, aquelas que tinham sido condenadas à morte, que tinham comandado bandas de homens, que tinham sido torturadas e deportadas, aquelas que de facto combateram a guerra *partigiana* com as mesmas armas dos homens. Neste documentário, as muitas mulheres entrevistadas falam de como aconteceu o envolvimento na Resistenza, como descobriram as mentiras, a violência do fascismo, a insensatez e o perigo das leis raciais de 1938, como o fascismo era um regime de opressão e como entrava em todos os lugares, desde a casa até a fábrica. E parece-me importante sublinhar que estas mulheres entrevistadas deram distintas motivações do envolvimento delas, dos percursos feitos. No plano mais geral, sobre o nazismo e os totalitarismos citamos Hannah Arendt e as Origens do Totalitarismo.

Passamos depois aos anos da reconstrução e do boom econômico na Europa, e aos anos sessenta de progressiva contestação à sociedade burguesa, até chegar ao momento de Sessenta e Oito, ao movimento estudantil e às greves operárias do outono quente de 1969. Falamos da revolta juvenil, da libertação sexual, do desenvolvimento das instâncias feministas nas últimas décadas do século XX e da importância de mulheres ativistas negras, escritoras e artistas de renome internacional como Audre Lorde. Citamos o caso de estudos sobre as mulheres que desafiavam as teorias marxistas focadas somente no trabalho assalariado dos homens ocidentais e para tal comentamos algumas páginas do estudo de Silvia Federici Calibã e as bruxas onde a autora relaciona a dominação do corpo da mulher com o processo de acumulação primitiva de capital.

Sublinhamos como, também em contextos de ditadura, como no caso português, embora não tivesse acontecido algo semelhante ao “Maio francês” ou ao “longo Sessenta e Oito” italiano, os jovens e os estudantes foram protagonistas de uma temporada de participação cívica e política. Neste contexto, falamos de palavras como autogestão, *operaismo*, autonomia operária, que enriqueceram as práticas e as teorias da esquerda e que tiveram um papel importante no que diz respeito aos confrontos internos aos partidos comunistas e aos partidos de esquerda.

Relativamente ao Brasil, enfrentamos o começo da ditadura em abril 1964, quando o golpe civil-militar derrubou o governo do presidente João Goulart. Como escreveu José Paulo Netto, na sua introdução à Pequena história da ditadura brasileira, que é um texto que usamos nesta parte do curso, a ditadura oprimiu, reprimiu e deprimiu - achamos interessante isso para uma reflexão sobre o uso da linguagem. De fato, ao longo do curso estivemos num processo de análise e estudo de palavras e pensamos que os verbos usados por Netto mereciam uma discussão aprofundada sobre a articulação da ditadura.

O autor sublinhou como neste processo reacionário foram perseguidos, torturados, presos, exilados, desaparecidos operários e trabalhadores rurais, sindicalistas, estudantes, artistas, escritores, cientistas, padres e também burgueses e militares e aqui José Paulo Netto acrescenta: o que significa que aqueles vinte anos foram também anos de resistência e foi a

---

<sup>3</sup> Liliana Cavani, *La donna nella Resistenza*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j7p7v504j6M>

partir daqui que refletimos sobre as maneiras de contar a história da ditadura e da resistência, sobre o uso de palavras como vítimas, sobreviventes, resistentes, revolucionários/as, etc. Relativamente ao contexto brasileiro, tratamos de pessoas destacadas como Carlos Marighella, mas também das milhares de pessoas, homens e mulheres que resistiram e lutaram no dia a dia contra um regime opressor. A tal propósito usamos o livro *Mulheres de luta. Feminismos e esquerda no Brasil, 1964-1985*. Tratamos de outras lutas na América Latina, como o caso da boliviana Domitilla Barros de la Chungara, da sua atividade no sindicato das esposas dos mineiros, da sua resistência na prisão, contada também num dos capítulos de *Memórias do Fogo* de Eduardo Galeano, e da sua projeção transnacional, quando em 1975 se destacou pela reivindicação de classe que fez contra uma ideia geral de 'sororidade' e de igualdade entre as mulheres no contexto do Ano Internacional da Mulher, um evento organizado pela Organização das Nações Unidas em 1975.

O enfoque sobre a guerra fria obrigou-nos a falar da intervenção dos Estados Unidos na América e em particular do papel de Dulles. Dulles, secretário de Estado Americano sob a presidência do general Eisenhower, foi uma das personagens chave da construção do poder dos EUA contra a ideia de uma assim chamada ameaça comunista. Foi particularmente claro ao construir um discurso ideológico de avisos e ameaças aos países perto dos EUA. Foi o que aconteceu com a Guatemala, que foi o primeiro país que conheceu a intervenção indireta – ou seja direta, mas não declarada dos EUA porque foi a CIA que interveio contra o Presidente eleito Jacobo Arbenz Guzmán, que não era comunista, mas tinha formado um governo apoiado por comunistas e tinha começado um projeto de reforma agrária para que as terras improdutivas fossem entregues aos camponeses, na sua presidência entre 1951 e 1954.

E, relativamente ao resto do mundo, tratamos do processo de descolonização na Ásia e África e do derrube do império colonial português e da ditadura do Estado Novo em Portugal, mas também do fim das ditaduras na Grécia e em Espanha.

A luta dos povos de Angola, Guiné-Bissau e Moçambique foi a ocasião para falarmos da ligação entre socialismo e luta pela independência nacional e para focarmos a atenção entorno de algumas pessoas como os líderes dos movimentos de libertação Agostino Neto, Samora Machel, Marcelino dos Santos, Amílcar Cabral, mas também sobre mulheres como Deolinda Rodrigues, combatente angolana e líder do MPLA e da Organização da Mulher Angolana, que passou também pelo Brasil em finais de 1950.

Deolinda deixou um diário que cobre quase dez anos, de 1956 a 1967. O diário, supostamente encontrado no Congo em 1974 por Roberto de Almeida, irmão de Deolinda, foi publicado no início de 2000 pela editora angolana Nzila. Este relata a sua revolta contra os colonos portugueses, os seus sentimentos em relação aos *nguetas* (brancos), a sua filiação no MPLA, a fundação da organização de mulheres OMA, a sua vida e pensamentos sobre o papel da mulher e o seu nestas organizações e na revolução. A sua concessão da revolução combina a luta pela causa nacional com o internacionalismo e o pan-africanismo, os códigos dos partidos comunistas com os sentimentos subjetivos, o sacrifício pelo bem coletivo com o nível muito íntimo dos seus pensamentos e sentimentos. A sua militância no MPLA e na OMA mostra que os laços com o mundo comunista, socialista e de esquerda proporcionaram um itinerário político transnacional e foram multifacetados, sendo por alguns aspectos consideráveis "clássicos" (uma jovem que seguiu uma formação política, manifestou a sua disciplina e a sua lealdade ao MPLA), ao mesmo tempo que por outras características são

singulares (a sua subjetividade) e mostram uma forte intersecção entre as preocupações de classe, raça e gênero.

Voltamos à América Latina para sublinhar mais uma vez o papel dos Estados Unidos no golpe contra Salvador Allende no Chile e dedicamos profunda atenção às ditaduras e às resistências na América Latina até meados dos anos oitenta. Sobre o movimento comunista internacional, vimos que, a partir do final dos anos 1950 e princípio dos anos 1960, se tinha aprofundado uma divisão entre a União Soviética e a China, sobre as questões ligadas à desestalinização e sobre a coexistência pacífica. Falamos da China maoísta, da revolução cultural e da influência que o maoísmo teve na articulação da galáxia do comunismo heterodoxo na Europa ocidental e nas Américas. Enfrentamos neste contexto também a questão dos conflitos como a guerra do Vietnã e o conflito Israel-árabe.

Chegamos assim à crise econômica do começo dos anos setenta. As subidas do preço do petróleo tinham desencadeado um aumento geral dos preços que gerou uma crise econômica, de certo modo de tipo novo porque combinava a estagnação com a inflação. O que acontece de novo com a crise de 1973 - e isto vai marcar toda a década seguinte - é que a subida geral dos preços é motivada, não pela prosperidade, mas por fatores políticos, e teve como consequência uma redução geral da procura. A crise traduziu-se, naturalmente, em aumento do desemprego, mas numa primeira fase (até aproximadamente meados da década de 1980) a força dos sindicatos conseguiu salvar os níveis salariais e as conquistas sociais próprias do Welfare State. O aumento das taxas de juros funcionou como fator de agravamento da crise, uma evolução econômica que alterou as políticas econômicas, sobretudo a partir da chegada ao poder em 1979 da primeira-ministra Margaret Thatcher na Inglaterra e em 1980 do Presidente Ronald Reagan nos EUA. E foi assim que chegamos a falar da categoria de neoliberalismo, ou seja, do papel de absolutização encarado pelo mercado e pelo dinheiro.

Segundo o princípio neoliberal, a riqueza cria riqueza; por isso, o poder deve ficar nas mãos de quem já detém as riquezas, e os Estados não podem intervir com uma função de regulação das assim chamadas 'leis do mercado'. Dedicamos as últimas aulas à análise de como os movimentos operários, sindicais, de estudantes, o movimento pela justiça climática, os movimentos feministas têm, nas últimas décadas, enfrentado a desregulação da economia, a crescente injustiça social, que aprofunda a discriminação, e parece dificultar o trabalho organizativo em direção de sociedades mais pacíficas e mais justas. Relativamente ao Brasil, focamos a atenção sobre a teoria do capitalismo dependente. Do ponto de vista mais geral, discutimos a relação entre economia brasileira e sociedade no seu conjunto, com particular atenção aos discursos identitários e às suas consequências.

Foram muitos os livros, artigos, excertos, filmes, músicas, poemas que nos acompanharam num século de história de revoltas, revoluções, rebeliões contra o colonialismo, o capitalismo, a discriminação. Recebi da turma no seu conjunto e dos/das alunos/as individualmente estímulos, perguntas e desafios que fizeram com que o curso se tornasse numa experiência profissional e humana de absoluta relevância.

### **3. O diário de montagem do filme Vida de Lionel**

No período passado no Rio de Janeiro e na impossibilidade de conduzir o laboratório audiovisual, comecei a ver os materiais de uma entrevista oral que tinha gravado em vídeo



alguns meses antes. Tinha entrevistado um realizador italiano que como muitos outros tinha percebido a importância de documentar a guerra de libertação em África contra o exército colonial português e que entre 1970 e 1971 tinha passado algumas semanas em Angola para documentar a guerra do povo angolano, depois de quase dez anos de guerra (a guerra em Angola começou em fevereiro de 1961). Tinha encontrado o realizador, Lionello Massobrio, e tinha passado três dias com ele. Tinha gravado as minhas perguntas e as suas respostas sobre os anos sessenta e setenta, sobre o grupo de esquerda ao qual pertencia, Lotta Continua, sobre a viagem em Angola, sobre o filme que tinha feito e que tinha chamado com o nome de um dos slogans do MPLA, A Vitória é certa. Tinha gostado muito do tempo com ele, tinha recolhido as informações que pretendia recolher, tinha arrumado os arquivos de vídeo e áudio num disco duro e nunca tinha ouvido a entrevista.

Quando fiquei em casa, antes em Copacabana, depois na Praia Vermelha, sem a perspectiva de encontrar a turma, alternei a preparação das aulas com a montagem da entrevista, que viria a ser um filme, que estreou no Festival Canal O Cubo daquele mesmo ano como o título Vida de Lionel. Durante a revisão da entrevista, comecei a ter um diário para anotar o que me parecia importante guardar do testemunho, o que queria que ficasse no filme e o que ia ficar nos meus arquivos. E escrevi um relato sobre aqueles dias, em que, confrontada com a pandemia num outro continente, olhava para a entrevista e tentava compor na minha cabeça as imagens do filme. Um ano depois, talvez mais, aquele relato, revisto, viria a ser publicado por uma editora portuguesa de um instituto da minha faculdade<sup>4</sup>.

O diário, pelo contrário, permaneceu inédito e o apresento nas páginas seguintes.

### 3.1. Diário da entrevista a L.M.

Dia 1

Abro a pasta da entrevista a L. Como lembrava, tudo bem arrumado ao oposto de todas as entrevistas passadas, que guardei mal, perdi, desarrumei. Lembrava bem. Verifico ter tudo, desde o primeiro *ciak* até ao último dia.

Bolas, o que gravei no exterior está muito mal. O áudio está ok, a cor está péssima. Balancei mal o branco. Mas ouve-se tudo. A casa de L. é fotogênica. O L. maravilhoso. Aparecem os gatos. Não tive coragem de perguntar à Roberta mais informações sobre a morte de L. Ele teria conseguido sorrir frente a esta pandemia? Acho que sim. Gravei horas, tenho demasiado material. Por hoje é tudo. Não desanimar frente ao material, terei de selecionar.

Dia 2

Escrevo o que lembro da entrevista sem ouvi-la. Porque tenho dificuldade em voltar à entrevista? Pela morte dele? Por impaciência? De facto, seria melhor fechar os olhos, abri-los e encontrar o filme montado. É o processo criativo? Não consigo. Passo a tarde a ler Portelli<sup>5</sup> Procuo excertos para a turma. Quando leio Portelli, a historiografia me parece a arte mais necessária ao mundo. Aconteceu-me também com as guerras de Etiópia de Rochat,

---

<sup>4</sup> Giulia Strippoli, *La vittoria è certa, de Lionello Massobrio. História parcial de um filme e reflexão sobre um encontro*, in Teresa Mendes Flores, Sílvio Marcus de Souza Correa e Soraya Vasconcelos, *Imagens e Arquivo. Fotografia e filmes*, ICNova 2021. Disponível em: [https://run.unl.pt/bitstream/10362/121736/1/La\\_Vittoria\\_certa.pdf](https://run.unl.pt/bitstream/10362/121736/1/La_Vittoria_certa.pdf)

<sup>5</sup> Alessandro Portelli, historiador de referência da história oral.

a história do PCI de Aldo, *Il corpo del nemico ucciso*<sup>6</sup>. Mas Portelli e a história oral é diferente da minha entrevista a L. fiz as perguntas erradas.

Dia 3

Ouçõ pedaços da entrevista ao L. sem olhar diretamente para ele. Ou tiro a voz e vejo a boca dele em movimento no ecrã sem ouvir nenhum som. Não move muito a boca, como os ventríloquos. Deve ser porque já tinha poucos dentes. Pelo menos ouvi algo. Esquema das coisas que ficam: a ideia de fazer o filme. A ligação como LC<sup>7</sup> e com o MPLA, o povo angolano, a estética e a ideia política do filme, a vida depois do filme.

Dia 4

L. diz que não se lembra de como nasceu a ideia de fazer o filme. E logo conta como nasceu. Deixar o momento onde diz que não se lembra? L. mostra não lembrar bem, não falar bem, mostra ter a idade de um idoso. Mostrar isto no meu filme? Faço um filme sobre o filme dele ou faço um filme sobre ele jovem revolucionário que foi para Angola? Fala de Randi<sup>8</sup> como de uma africana apesar de ela ser absolutamente branca. Seria polémico por L. que diz que Randi era africana enquanto vemos uma mulher cuja pele é branca, de cabelo loiro? L. o diz porque Randi conseguiu fazer pão no mato, sendo que tinha passado a infância e juventude num ambiente camponês.

Dia 5

Guardar a parte onde L. diz que ele era um militante do MPLA. Passagens a sublinhar: onde os jovens fazem o teatro sobre a opressão colonial. Lembrete: o teatro como forma de representação e emancipação. O capataz português comanda, os escravos trabalham. Quem não obedece é batido. Onde os militares fazem saltar a ponte. Onde os militantes discutem sobre a guerrilha. A parte da escola onde as crianças cantam a canção sobre o neocolonialismo sobre os povos da Ásia, África e América Latina. Lembrete: a educação como forma de consciência e libertação.

Dia 6

Como são representadas as mulheres no filme? Randi fotografa, Bella grava o som. L. na entrevista conta que tinha estudado na URSS para aprender a usar os instrumentos de rádio úteis à guerrilha. Por isso, grava o som do filme. Lembra de dizer em algum lugar que as mulheres combatiam e viajavam. Bella como exemplo do que hoje se chama circulação transnacional. As outras mulheres fazem o treino militar; carregam as crianças enquanto trabalham; trabalham sempre. Lembrete: procurar o documento da OMA onde dizem que as mulheres angolanas trabalharam sempre mais de que os homens<sup>9</sup>. Que consideração tinha L. das mulheres?

---

<sup>6</sup> Aqui fazia referência a alguns títulos de livros de história contemporânea de historiadores italianos, que inspiraram o meu percurso académico. Ver: Giorgio Rochat, *Le guerre italiane*, Einaudi, 2008; Aldo Agosti, *Storia del PCI*, Laterza, 2000; Giovanni De Luna, *Il corpo del nemico ucciso*, Einaudi, 2006.

<sup>7</sup> Grupo de esquerda revolucionária ao qual pertencia Lionello Massobrio. A formação política nasceu no fim dos anos sessenta e recolheu a herdade das lutas estudantis e operárias do fim da década.

<sup>8</sup> Randi Krokaa, de origem norueguesa, que fez parte da realização do filme.

<sup>9</sup> OMA: Organização da Mulher Angolana, a associação de mulheres nascida dentro do MPLA no começo dos anos sessenta.

Dia 7

L. emocionado enquanto revemos o filme juntos na sua casa. Como transmitir a emoção de L.? L. está muito emocionado quando fala da Randi e quando fala do MPLA. O que quero transmitir no filme? A emoção dele? A luta do povo angolano? Não consigo ouvir a entrevista, tenho a impressão de não ter feito as perguntas certas. Tive vergonha de perguntar o que era mais importante. Quem viu o filme e que achou? É um filme para os italianos. O som original foi perdido, diz o L. Gravaram o som em italiano em 1974, em Lisboa, foi Randi quem se encarregou da tarefa.

Dia 8

Que contraste entre as imagens do filme e a aldeia onde vive L. Vai entrar no filme esta aldeia de pedras, plantas e gatos de pêlo comprido? Como se faz um filme sobre alguém que fez um filme? A quem interessa ouvir um idoso falar? A quem interessam as respostas às perguntas que eu lhe dirigi? Por que os anos sessenta e setenta? Por que as pessoas de esquerda? Que quero dizer sobre a revolução? O filme deve mostrar a importância do filme dele.

Dia 9

Alguns meios de informação falam deste coronavírus com uma linguagem militar. Estou farta de ouvir falar em guerra. E a guerra que vejo no ecrã parece tão distante. L. filmou uma guerra de libertação. Mas as guerras são guerras. Não, as guerras de libertação libertam. E as ocupações oprimem. E o vírus nem sei, não tenho paciência de ler em que sentido esta pandemia é uma guerra.

Dia 10

Acabei de ouvir as entrevistas. Algo que me fascina da história oral é que cada vez que ouço, descubro algo que não tinha ouvido antes, ou melhor não tinha reparado. L. não me deu um testemunho totalmente espontâneo, de certa forma usou as mesmas palavras que usa no livro de memórias dele, que me tinha dado a primeira vez que nos encontramos e que não encontrou um editor. A falta de espontaneidade, é ela mesma uma fonte sobre a construção do passado. Construimos constantemente o passado. Para L. era importante que a história contada fosse a história que ele queria contar.

Dia 11

Não sei como começar o filme. Quero pôr sobretudo a subjetividade do autor. Mas não quero fazer um filme sobre o realizador. L. é homem, branco. Será mais um filme sobre um branco que se interessou por uma população negra oprimida e que depois voltou à sua vida? Às vezes os anos sessenta e setenta me parecem muito isto, uma janela aberta sobre o caos, o fecho mais ou menos violento em salas arrumadas. Com toda esta crítica, nem faz sentido começar, nem faz sentido preparar o curso para a turma.

Dia 12

Passei dias bloqueada. Depois comecei a montar as palavras de L. que queria que ficassem. E imaginei dialogar com ele. Fazer as perguntas que não tinha feito. Ele não respondeu, mas percebi a importância de continuar a pôr as perguntas. Estou a construir o curso, tentando

criar relações entre pessoas, fatos, mundos distantes e o dia a dia me proíbe de ter relações mais elementares. Que paradoxo. Como encontrar alegria na história? Lembrete: procurar a ocasião para dizer à turma que, mesmo quando não parece, a história é alegria. Lembrar de encontrar os versos da canção pintados na casa da Sônia<sup>10</sup>.

#### 4. Conclusão: o que ficou pelo caminho e não ocorreu como previsto

O caminho do curso teve de renunciar ao encontro presencial. Nunca encontrei a turma, se não pela mediação de um ecrã. Fizemos 15 aulas de três horas cada uma, depois continuamos com uma parte da turma uma série de seminários. Depois fizemos um grupo no WhatsApp, e trocamos e-mails. Foi como se não quiséssemos interromper os nossos encontros, que não eram encontros verdadeiros, mas foram momentos muito bonitos. Por mim o foram. Porque a turma era composta por pessoas brilhantes, nunca banais, simpáticas, curiosas e sérias. Gostei de cada uma/um delas/deles, com algumas das pessoas ainda trocamos e-mail ou uma mensagem de vez em quando. Ia ser melhor seguir o caminho previsto, mas as coisas quase nunca seguem o caminho proposto, por isso, mesmo sem ter conseguido fazer o que tinha previsto fazer, fiz algo que foi o que podia e em parte o que queria. E que me trouxe algo muito bom, generoso e de grande valor, a partilha do conhecimento com pessoas que superaram o aborrecimento, o medo, a raiva que a pandemia nos envolveu e conseguiram se conectar todas as semanas durante três horas para discutirmos de movimento operário e da esquerda global.

Quando alcanço um resultado na minha pesquisa, penso que é um resultado que gostava de partilhar com aquela turma. Aquela turma, entre verdade, lembrança e imaginação, se tornou na minha turma ideal, com quem gosto de falar, que gostaria de nunca desapontar, que ficaria feliz de render orgulhosa de mim.

#### 5. Referências

LOWY, Michel; DUMÉNIL, Gérard; RENAULT, Emmanuel. **Cem Palavras do Marxismo**, São Paulo: Cortez editora, 2009.

RODRIGUES, Deolinda. **Diário de Um Exílio sem Regresso**, Luanda: Editorial Nzila, 2003.

---

<sup>10</sup> São os seguintes versos: “A História é um carro alegre. Cheio de um povo contente. Que atropela indiferente. Todo aquele que a negue, eh eh eh eh”. A canção é de Milton Nascimento e Chico Buarque, *Canción por la Unidad de América Latina*.